



Os espetáculos de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus: música e crítica social

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: Música e pensamento Afrodiaspórico

Juliana de Toledo Nabosne
UNESPAR - EMBAP
juliana.nabosne@gmail.com

Resumo. Este trabalho se propõe a estabelecer um diálogo entre música e literatura, objetivando discutir como o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, retrata práticas e temáticas musicais, e o universo artístico-cultural em geral, no que diz respeito à utilização de figuras de linguagem. Através da leitura analítica da obra, observo significativa ocorrência de passagens onde a autora emprega o termo "espetáculo" e correlatos com sentido figurado para se referir a um contexto de conflitos interpessoais, violência doméstica, fome e pobreza. É feita a exposição, exegese, articulação e breve análise dos trechos do livro, relacionando-os às circunstâncias e o período histórico-social em que foram escritos, ao todo da obra, e à vida da autora, a partir de informações obtidas através de bibliografia teórica e de pesquisa de fontes originais. Observa-se que a música e a arte representam no livro um pilar para a crítica social, e ocupam um papel de centralidade nas construções de sentido de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, assim como na expressão artístico-literária e pessoal de Carolina Maria de Jesus.

Palavras-chave. Carolina Maria de Jesus, Música e literatura, Literatura negro-brasileira, Literatura escrita por mulheres, Historiografia.

Title. Carolina Maria de Jesus' *Child of the Dark and its Show Business*

Abstract. The present study aims to promote a music-literature dialogue based on *Quarto de despejo: diário de uma favelada/Child of the dark* (1960) by Carolina Maria de Jesus, producing an investigation on how the book portrays musical practices and other music related subjects, with regard to the use of figures of speech that refer to music and the artistic-cultural universe. An analytical read concludes that *Child of the dark* has a significant amount of content about music related subjects, and that the author frequently metaphorically uses the word "show" to refer to a contexts of interpersonal conflict, domestic violence, hunger and poverty. The content is discussed and preliminary analyzed, considering the historical scenario, the general context of the book, and personal aspects of Carolina Maria de Jesus' life based on bibliographic and primary sources research. The study indicates that music and other art related subjects have significant importance for the literary construction *Child of the dark*, as well as for the author's artistic-literary and personal expression.

Keywords. Carolina Maria de Jesus, Music and literature, Afro-Brazilian literature. Female authors, Historiography.



A música em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e na vida de Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus foi, no início da década de 1960, um dos maiores fenômenos da literatura brasileira nos cenários locais e internacionais. Até então, chefiava uma família com três filhos vivendo em condição de miséria na maior favela da cidade de São Paulo no período, o Canindé, e obtinha o sustento por meio do trabalho como catadora de papel e sucata. A autora de poesias, diários, contos, crônicas, romances, provérbios, canções acreditava que a literatura a libertaria da fome e da miséria, permitindo que proporcionasse uma vida digna para sua família (JESUS, 1960: 25). Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) – seu primeiro livro publicado, tece uma complexa crítica social e política ao narrar o próprio cotidiano entre os anos de 1955 e 1960.

Assim como hoje, a pobreza e a favelização eram na época pautas relevantes dadas as proporções exponenciais que vinham tomando enquanto fenômeno urbano no contexto de industrialização e políticas desenvolvimentistas (FAUSTO, 2006; HOLANDA, GOMES et al, 2007; HOLANDA, PIERUCCI et al, 2007; SCHWARCZ e STARLING, 2015; KOWARICK, 1979; OLIVEIRA, 2012; ROLNIK, 1997). A perspectiva a partir da qual a autora abordou esses temas, com a experiência legítima de alguém assolado pela miséria, era inédita. Em razão de não atender os padrões conservadores da produção literária brasileira,¹ Carolina foi insistentemente rejeitada pelos campos acadêmico, literário e midiático. Apesar de críticas hostis pautadas em racismo, elitismo e academicismo, que tratavam sua obra como “não-literatura” e Carolina Maria de Jesus como “não-escritora”,² o livro é riquíssimo em conteúdo e nuances ao denunciar a miséria daquele Brasil contingente que era a favela do Canindé da década de 1950, conforme vêm apontando análises contemporâneas (AZEREDO, 2012; MIRANDA, 2013; SILVA, 2011; SILVA, 2019, entre outras). Enquanto universo literário, *Quarto de despejo* abrange inúmeras temáticas adjacentes ao objetivado retrato da fome, da

¹ Sobre o perfil social do campo literário no Brasil República, ver: MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

² Sobre o tratamento hostil dado a *Quarto de despejo* e Carolina Maria de Jesus, ver: TOLEDO, Jethro Vaz de. Cartas à redação: Contra 'Quarto de despejo'. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 de set. de 1960; ASSIS, Casmurro de. Biblioteca. *A voz de São Paulo*, São Paulo, 20 de ago. de 1960.; LOYOLA, Ignacio de. Estou cansada de tudo. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 20 de mar. de 1961; MOTA, Mauro. *Modas e modos*. Recife: Editora Raiz, 1977: 71; MARTINS, Wilson. Mistificação literária: 'Quarto de despejo', 'best-seller' de 1960, deve ser atribuído a Audálio Dantas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 de out. de 1993; FELINTO, Marilene. Clichês nascidos na favela. *Folha da Manhã*, São Paulo, 29 de set. de 1996; CHRISTINA. Livros novos: Uma favelada sai do anonimato. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 18 de set. de 1960.

pobreza e das demais problemáticas sociais. Uma delas é a música – aspecto pouco explorado pela fortuna crítica dedicada à autora.³

Uma leitura analítica de *Quarto de despejo*, direcionada à identificação de menções a práticas musicais e temas correlatos – a qual realizei em meu trabalho de conclusão de curso – indica os papéis que esses elementos ocupam na obra, e dá indícios de que a música possui um lugar importante na expressão artística e literária da autora-personagem Carolina Maria de Jesus. Essa hipótese é corroborada por alguns fatos de sua existência pessoal: a escritora se compreendia como multiartista, desejava expandir seu projeto literário e atuar em áreas como a música e a televisão; expressava publicamente um grande desejo de se dedicar à carreira de cantora de rádio;⁴ além de seu primeiro livro, em 1960 lançou o álbum musical homônimo *Quarto de despejo: Carolina Maria de Jesus Cantando Suas Composições*, com sambas de sua autoria; desde a infância gostava muito de música (JESUS apud MEIHY e LEVINE, 2015: 212) e era frequentadora assídua do Carnaval (JESUS, 1960: 12; JESUS apud MEIHY e LEVINE, 2015: 104; PUERTA apud MEIHY e LEVINE, 2015: 131).

Ao longo do livro, observei que a música aparece recorrentemente nas manifestações culturais populares do local onde Carolina vivia, protagonizando ritos religiosos, batucadas e bailes de rua (JESUS, 1960: 81; JESUS, 1960: 42; JESUS, 1960: 67; entre outras aparições); figura de modo marcante enquanto prática do cotidiano da família Jesus, que em muitas cenas é representada cantando (JESUS, 1960: 33; entre outras) ou ouvindo rádio (JESUS, 1960: 17; entre outras); e é utilizada por Carolina Maria enquanto ferramenta para a elaboração de críticas sociais pela força de comparações e metáforas – assunto sobre o qual discorrerei aqui com base na exegese de passagens retiradas do texto.

Parto dos pressupostos de que a literatura “incorpora em si [...] toda sorte de hierarquias e enquadramentos de valor intrínsecos às estruturas sociais de que [emana] (SEVCENKO, 1983: 19)”; e de que não é possível compreender obras literárias sem levar em consideração a sociedade que as produziu, nem compreender uma sociedade sem considerar sua produção literária (ORR, 1977: 4). Por isso, enquanto objeto historiográfico *Quarto de despejo: diário de uma favelada* produz um discurso artístico e histórico relevante a respeito do período em que foi escrito, os anos de 1955 a 1960 na periferia da cidade de São Paulo, mais

³ Através de ampla pesquisa bibliográfica e consulta ao portal *online Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*, verifiquei que não foram produzidos trabalhos que, como este, se proponham a investigar os aspectos musicais do livro ou a relacionar a literatura da autora à música.

⁴ É possível vê-la perseguindo esse sonho profissional e divulgando as composições ao longo de seu próximo diário lançado, *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961). Nele, frequentemente aparece cantando as músicas do disco e trabalhando em novas letras e melodias, e escreve sobre sua vontade de se dedicar à carreira de cantora.

especificamente na favela do Canindé, e abriga experiências e perspectivas das estruturas sociais que pouco são contempladas pelo discurso literário dominante. Não deixo de considerar, porém, que corresponde a um retrato da realidade e não à realidade em si; e que, apesar de se propor ao registro de acontecimentos factuais vivenciados pela autora, abriga como obra literária o âmbito da criação.

Considero ainda que a Carolina Maria de Jesus autora transcende a Carolina personagem, e uma das partes mais desafiadoras da análise de sua narrativa consiste justamente em discernir suas dimensões reais de sua pessoa literária. Assumo que minha interpretação de sua obra é marcada por minha identidade pessoal – como mulher branca, trabalhadora, musicista, empenhada na luta antirracista – e pelo envolvimento emocional que desenvolvi para com a autora e sua história. Carolina e eu nos assemelhamos no sentido de que somos duas mulheres trabalhadoras da classe artística, mas nos distanciamos e possuímos distintos lugares de fala na medida em que, ao contrário dela, não vivo nem vivi em condição de miséria, sou uma pessoa branca, e ainda não sou mãe. Essas são perspectivas que, embora não façam parte da minha experiência em primeira pessoa, almejo tratar de maneira respeitosa e apropriada, orientada pela leitura de historiadoras/es, sociólogas/os e pensadoras/es negras/os a respeito de raça (DOMINGUES, 2007; GONZALES, 1984; HOOKS, 1995; KILOMBA, 2019; PEREIRA e LIMA, 2021), gênero (FRACCARO, 2018; PINTO, 2007) e classe (LOBO, 1991; SAFFIOTI, 1976).

Cenas musicais de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*

Para iniciar a exposição dos trechos transcritos de *Quarto de despejo*, trago uma cena que aparece transcorridas poucas páginas do livro, marcando a primeira vez em que elementos relacionados à música aparecem na obra. Não há maneira sutil de introduzir o conteúdo e preparar quem lê para o impacto da comparação da qual Carolina Maria de Jesus se utiliza:

As mulheres saíram, deixou-me em paz por hoje. Elas já deram o espetáculo. A minha porta atualmente é teatro. Todas as crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatorios. Elas alude que eu não sou casada. Mais eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos

dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. (JESUS, 1960: 14)

Carolina Maria relata que enfrentava duras críticas e agressões em razão da organização monoparental de sua família. Ao tratar do assunto, usa os termos “espetaculo” e “theatro” – que são habitualmente empregados para designar apresentações artísticas e correlatos. O uso da autora, porém, não diz respeito ao universo artístico-cultural: o “espetáculo” apresentado pelas vizinhas é metafórico, e consiste em estas irem até seu barraco para insultá-la e para brigar, fazendo de sua porta “theatro”.

Para se defender dos ataques, Carolina argumenta que essas mulheres, que eram casadas, passavam necessidade e sofriam violência doméstica – problemática social amplamente retratada no livro, e alega que sua família vivia bem somente com ela e os frutos de seu trabalho. Para falar da violência sofrida pelas vizinhas, se utiliza de figuras de linguagem musicais, dizendo que elas apanhavam como se fossem um instrumento musical, o tambor, enquanto a família Jesus ouvia, em paz, valsas vienenses.

Em entrevista concedida a Academia Francana de Letras e transmitida pela Internet, a única filha viva de Carolina, Vera Eunice de Jesus, revelou que a mãe não só se utilizou das valsas enquanto recurso literário como de fato tinha o costume de ouvir esse tipo de música: “A minha mãe gostava de valsas vienenses, sempre gostou de valsas vienenses. E eu tenho os discos dela aqui comigo [...]”.⁵ No programa de televisão *Conversa com Bial*, exibido em 16 de julho de 2018, também falou sobre o assunto, dessa vez se referindo especificamente ao período em que a família viveu no bairro Santana após sair da favela do Canindé – que não é coberto no livro *Quarto de despejo*: “[...] ela gostava de valsas vienenses. E ela colocava na maior altura e dançava sozinha pela sala”.

Em *Quarto de despejo* figuram várias outras passagens em que a autora utiliza o termo “espetáculo”. A não ser por uma ocorrência, em que se refere ao evento que celebrava a inauguração de uma obra – “O Bobo fazia tanto barulho que deturpava o espetáculo (JESUS, 1960: 106-107)”, — sempre emprega o sentido metafórico. Copio uma situação registrada em 26 de julho de 1959, novamente retratando a violência doméstica:

... Era 19 horas quando o senhor Alexandre começou a brigar com a sua esposa. [...] Foi alterando a voz e começou a espancá-la. Ela pedia socorro. Eu não imprecionei, porque já estou acostumada com os espetáculos que ele representa. A Dona Rosa correu para socorrer. Em um minuto, a notícia circulou que um homem estava matando a mulher. Ele deu-lhe com um ferro na cabeça. O sangue jorrava. Fiquei

⁵ BITITA em Franca. Academia Francana de Letras. São Paulo: 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/EyeBt3hzxKQ>>. Acesso em: 20 de set. de 2021.

nervosa. O meu coração parecia a mola de um trem em movimento. Deu-me dor de cabeça. (JESUS, 1960: 162)

A autora se diz “acostumada com os espetáculos” do homem, revelando que a esposa de Alexandre sofria agressões com frequência. De fato, ela já havia aparecido no livro sendo espancada pelo marido outras vezes. Ainda assim, a atrocidade da situação desafia a suposta desimportância de um acontecimento costumeiro: Carolina encerra o relato muito nervosa; e a mulher, seriamente ferida.

Em 20 de julho de 1958, Carolina Maria chamou a polícia para conter Alexandre e ele foi preso. Além de espancar a esposa, o homem havia xingado crianças que observavam a situação e tentado bater em João José, filho de Carolina. Mais tarde, quando contou do acontecido para seu outro filho, com um termo análogo a “espetáculo” se referiu ao espancamento se fosse um *show*:

...O José Carlos regressou do cinema e eu contei-lhe o show do seu Alexandre. Ele disse-me que o Alexandre estava no ponto do bonde. Não acreditei. Será possível que a Polícia ia soltar um homem tão turbulento que não respeita as crianças? (JESUS, 1960: 86)

Os espancamentos da esposa de Alexandre não eram os únicos episódios de violência doméstica no universo de *Quarto de despejo*. Em 17 de julho de 1955, Carolina relatou o que descreveu como um “espetáculo ao ar livre”:

A Sílvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente. (JESUS, 1960: 10)

Nas duas últimas cenas, sua preocupação com a exposição das crianças a esse tipo de situação é notável, e persiste ao longo de todo o livro. Reaparece, por exemplo, em 28 de maio de 1958, dia em que não detalha um acontecimento específico, mas reflete pesadamente sobre as agressões às quais homens submetiam suas esposas e o fato de crianças presenciarem essas situações como se fossem um “verdadeiro espetáculo”:

E o pior na favela é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o Zé Povinho. Depois começam os comentários entre as crianças [...]. (JESUS, 1960: 40)

Aparece aí, pela primeira vez, a expressão “Zé Povinho”, que a autora emprega algumas vezes para designar com desprezo seus vizinhos curiosos diante das brigas na favela. Carolina demonstra estar preocupada não só com o fato de as crianças presenciarem a cena de violência, como também a nudez das mulheres que precisavam sair correndo de suas casas, mesmo que sem roupas, para escapar das agressões dos maridos. Em 25 de junho daquele mesmo ano, crianças foram novamente expostas à violência e nudez. Tratava-se de uma briga que Carolina descreveu como um “espetáculo apreciadíssimo para o favelado que”, em suas palavras, “aprecia profundamente tudo que é pornográfico”:

A Meiry é temida porque anda com gilete. E ela foi bater na Nair e apanhou. A Nair rasgou-lhe as roupas, deixando-lhe nua.
Que gargalhada sonora! Que espetáculo apreciadíssimo para o favelado que aprecia profundamente tudo que é pornográfico! As crianças sorri e batem palmas como se estivessem aplaudindo. Depois as crianças se dividem em grupos e ficam comentando:
—Eu vi.
—Eu não vi.
—Eu queria ver. (JESUS, 1960: 64-65)

Outro “espetáculo pornográfico” acontece diante de crianças em 17 de novembro em 1958:

Quando a Pitita briga, todos saem para ver. É um espetáculo pornográfico. (...) As crianças começaram a falar que a Pitita havia erguido o vestido. Eu vim para dentro de casa. Eu já estava deitada e ouvia a voz da Pitita. (JESUS, 1960: 121)

Mais uma confusão acontece em 24 de junho de 1958: “Eu estava fazendo o almoço quando a Vera veio dizer-me que havia briga na favela. Fui ver. Era a Maria Mathias que estava dando seu espetáculo histérico (JESUS, 1960: 63).”

Um mês depois, em 21 de julho, quem protagonizaria o que chama de “espetáculo improprio” diante de uma “plateia” de crianças seria a própria Carolina Maria de Jesus. Mesmo estando envolvida na briga, no final do relato não deixa de avaliar a “cena” – atribuído um sentido teatral à palavra nesse universo dos falsos espetáculos de *Quarto de despejo* – como reprovável:

...Enquanto eu estava na rua o Alexandre maltratou a mãe do soldado Edison. Quando eu cheguei ele começou insultar-me:
—Negra suja. Ordinária. Vagabunda. Lixeira.
Eu não tenho paciência, lhe chinguei, joguei-lhe um vidro no rosto. Ele fechou a janela. Abriu outra vez, eu lhe joguei uma escova de lavar casa. [...]
Ajuntou a criançada para presenciar a cena que eu reprovei. Espectáculo improprio. Enquanto o soldado discutia com o Alexandre eu fui catar pedras. O soldado Edison deu-lhe um tapa no rosto. E a criançada deu uma vaia. (JESUS, 1960: 88)

Cerca de uma semana depois, no dia 27 de julho de 1958, narra sem grande emoção outra confusão na vizinhança, durante a qual um carro quase foi incendiado:

Eu estava girando com os cadernos na mão quando ouvi vozes alteradas, fui ver o que era, percebi que era briga. Vi o Zé Povinho correndo. Briga é um espetáculo que eles não perdem. Eu já estou tão habituada a ver brigas que já não impreciono. E que haviam jogado fogo dentro do automovel do senhor Mario Pelasi. (JESUS, 1960: 91)

A ênfase que Carolina Maria emprega ao sublinhar o interesse do “[...] povo da favela” que “sempre achava tempo para presenciar estes espetáculos (JESUS, 1960: 52)” e sua atitude de chamar essas pessoas desdenhosamente de Zé Povinho; seu grande incômodo com a exposição de crianças aos episódios de violência; e o fato de que ela se diz bastante habituada a situações dessa espécie e sua enorme recorrência no livro compõem o retrato de um lugar extremamente acometido pela violência e por conflitos interpessoais, e mostram uma Carolina enfasiada e desiludida diante dessa realidade, que se utiliza de elementos do universo artístico-musical para denunciá-la.

Seguindo, a autora fala sobre outro tipo de “espetáculo”: aquele que se erguia em razão da vulnerabilidade alimentar. O primeiro deles data 13 de maio de 1958. Quando a abolição da escravatura no Brasil completava 70 anos, Carolina produzia o retrato de uma família ainda escravizada:

...Choveu, esfriou. E o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.
E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome!
(JESUS, 1960: 27)

Quando diz “reprise do espetáculo”, se refere ao fato de já ter vivenciado a dura situação de não ter o que dar de comer aos filhos – sua família sempre passava fome no período ao qual corresponde o livro, e aquela não era nem mesmo a primeira reprise desse acontecimento. Na cena a seguir, a escritora evoca a figura de uma sinfonia para descrever os pungentes apelos de filhos com fome às mães que não têm o que lhes oferecer:

Fui comprar carne, pão e sabão. Parei na banca de jornaes. Li que uma senhora e três filho havia suicidado por encontrar dificuldade de viver. [...] Quem sabe se de há muito tempo ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães tem muito dó dos filhos. Mas

é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome. E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia:

–Mamãe, eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome! (JESUS, 1960: 57)

Assim como há a “sinfonia” da fome, há no texto de Carolina, como seu oposto, o regozijo de ter alimento em quantidade suficiente para uma refeição. Pela inconstância de uma alimentação adequada, a disponibilidade de alimento, quando acontecia, não deixava de ser descrita enquanto um legítimo espetáculo. Em 23 de maio de 1958, o termo denota felicidade:

Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles. (JESUS, 1960: 38)

Para Carolina, o espetáculo de ter o que comer não era apenas deslumbrante, mas o “mais lindo” espetáculo dentre todos, conforme descreve no relato que data 27 de maio do mesmo ano. Ela estava trabalhando em jejum, e precisava guardar o pagamento para comprar comida para fazer em casa. Ao longo da jornada, a tontura, o amargor na boca e a dor no estômago se tornaram insuportáveis. Um café e um pão lhe proporcionaram mais um espetáculo:

...Resolvi tomar uma media e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou se aos meus olhos. A comida no estomago é como o combustível nas maquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei andar mais depressa. .Eu tinha impressão que eu deslisava no espaço. Comecei sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetaculo. E haverá espetaculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida. (JESUS, 1960: 40)

Alguns meses depois, Carolina Maria visitou a casa de uma senhora chamada de dona Nenê, que era professora de seu filho João José. Naquele 3 de agosto, ela estava dando graças a Deus por ter “pão duro e feijão” em casa para seus filhos comerem. Na casa da professora, porém, a situação era diferente, e Carolina ficou maravilhada com o espetáculo que encontrou na cozinha:

Fui na dona Nenê. Ela estava na cosinha. Que espetáculo maravilhoso! Ela estava fazendo frango, carne e macarronada. Ia ralar *meio* queijo para por na macarronada! Ela deu-me polenta com frango. E já faz uns 10 anos que eu não sei o que é isto. ...Na casa de dona Nenê o cheiro de comida era tão agradável que as lagrimas emanava-se dos meus olhos, que eu fiquei com dó dos meus filhos. Eles haviam de gostar daqueles quitutes. Quando cheguei na favela a Leila e o Arnaldo estavam dando os seus espetáculos. E a criançada estavam apreciando. (JESUS, 1960: 94)

A comoção da autora foi tão significativa que, ao comer a refeição oferecida por Nenê, chegou a chorar pensando em seus filhos, que jamais acessavam aquele tipo de alimentos – tampouco na abundância que havia na casa daquela mulher, que tinha condições de usar meia peça de queijo para uma única refeição.

Depois, quando volta para seu local de moradia, Carolina se depara com mais um espetáculo. Esse, por sua vez, não a agradou nem um pouco: tratava-se de uma situação de violência. Ironicamente, Carolina Maria diz que a criançada estava “apreciando” o “espetáculo”.

Leila, envolvida nessa briga, aparece gritando em outra confusão retratada no livro. O “shou” aconteceu em 8 de julho de 1958:

Eu estava indisposta, deitei cedo. Despertei com a algazarra que fazia na rua. Não dava pra compreender o que diziam porque todos falavam ao mesmo tempo e era muitas vozes reunidas. Vozes de todos os tipos. Eu queria levantar para pedir-lhe que deixasse o povo dormir. Mas percebi que ia perder tempo. Eles já estavam alcoolizados. A Leila deu o seu shou. E os seus gritos não deixou os vizinhos dormir. As quatro horas comecei escrever. Quando eu desperto custo adormecer. (JESUS, 1960: 76)

Para terminar, citarei uma cena que traz um espetáculo mais semelhante ao cenário que costumo imaginar ao pensar nessa palavra. Carolina Maria conta que esteve num lugar onde dançavam para homenageá-la, usando um belo vestido, sob a luz das estrelas. O detalhe é que isso aconteceu quando a autora estava dormindo e não se passava de um sonho:

Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso. Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me protege, envio os meus agradecimentos. (JESUS, 1960: 107)

No trecho acima, Carolina afirma expressamente que não pode frequentar espetáculos por ser pobre. Diz que, para contemplar um espetáculo como aquele com o qual sonhou, era preciso que este lhe fosse enviado por Deus, tal qual um milagre diante de sua condição de vida. Sua classe social, raça e local de moradia se colocavam entre ela, seus pares favelados e o acesso aos produtos culturais concebidos pelo mercado e legitimados pela classe dominante – afirmação que é reforçada num contínuo ao longo da obra, na medida que a autora explicita os limites materiais que cerceavam a vida dos moradores da favela do Canindé. Por outro lado, não se pode deixar de mencionar que a vida cultural daquela favela era, ainda assim,

proeminente em razão da cultura popular exercida através de manifestações religiosas, batucadas e bailes de rua, que ocupam no relato de Carolina Maria de Jesus uma indiscutível posição de centralidade para a identidade do Canindé, sendo símbolo da resistência de sua população e promovendo um importante espaço de socialização.

No que diz respeito aos “espetáculos” de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, é possível observar que as menções ao universo artístico e musical não figuram de forma descompromissada na obra, mas ocupam um papel de centralidade. Carolina Maria se utiliza delas para diversos fins – tais quais o emprego de elementos sonoros e/ou musicais e artísticos enquanto ferramenta descritiva e recurso para: (1) a criação de tensão e dramaticidade literária; (2) a construção de análises e críticas sociais através do suporte de alegorias musicais; (3) a representação de hierarquias, disparidades socioeconômicas e outras problemáticas de ordem social.

Em suma, empregando o termo “espetáculo”, Carolina Maria de Jesus utiliza o terreno da música e da cultura para ironizar e criticar as brutais desigualdades sociais brasileiras. Fala ironicamente do “espetáculo” dos favelados – a fome, a violência, a pobreza – e com ternura fala de seu “espetáculo” pela sobrevivência. Ao usar repetidamente essa palavra, sublinha a desigualdade social de que os espetáculos literais são feitos para poucos, enquanto muitos são fadados a viver diariamente apenas o “espetáculo” da quase morte e luta pela existência.

Diante da grande quantidade e da complexidade do material literário previamente discutido, a análise apresentada é um estudo preliminar. Vislumbrando outros desdobramentos para seu tratamento, assim como dada a ausência da exploração dos aspectos musicais de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* no campo acadêmico, desejo continuar abordando o tema em trabalhos futuros e considero que se fazem necessários outros estudos que proporcionem maior aprofundamento do tema.

Referências

- ASSIS, Casmurro de. Biblioteca. *A voz de São Paulo*, São Paulo, 20 de ago. de 1960.
- AZEREDO, Mônica Horta. *A representação do feminino heroico na literatura e no cinema: uma análise das obras Quarto de Despejo: diário de uma favelada (Carolina Maria de Jesus), Estamira e Estamira para Todos e para Ninguém (Marcos Padrado), De Salto Alto e Tudo sobre Minha Mãe (Pedro Almodóvar)*. Universidade de Brasília/Université Européenne de Bretagne/Rennes, Brasília, 2, 2012.

- BITITA em Franca. Academia Francana de Letras. São Paulo: 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/EyeBt3hzxKQ>>. Acesso em: 20 de set. de 2021.
- CAROLINA não parece rica. Rio de Janeiro: Diário da Noite, Ano XXXII Rio, nº 11.666, 8 de nov. de 1960.
- CONVERSA com Bial (Programa de 16/07/2018); Rio de Janeiro: Rede Globo, 2018.
- CHRISTINA. Livros novos: Uma favelada sai do anonimato. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 18 de set. de 1960.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*. Rio de Janeiro, Volume: 12, Número: 23, 2007.
- EX-FAVELADA Carolina hoje está sofisticada. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 4, 10 março de 1961.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- FRACCARO, Glaucia Cristina Candian. Uma história social do feminismo: diálogos de um campo político brasileiro (1917 - 1937). *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 31, nº 63, p. 7-26, janeiro-abril de 2018.
- FELINTO, Marilene. Clichês nascidos na favela. *Folha da Manhã*, São Paulo, 29 de set. de 1996.
- GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*., São Paulo: Anpocs, p. 223-244, 1984.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de; GOMES, Ângela Maria de Castro et al. *O Brasil republicano*, v. 10: sociedade e política (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de; PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira et al. *O Brasil republicano*, v. 11: economia e cultura (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- HOOKS, bell. Intelectuais negras. *IFCS/UFPRJ – PPCIS/UERJ*. Rio de Janeiro, vol. 3 nº 2, 1995.
- JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. 2ª ed. Sacramento: Bertolucci, 2007.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.
- LOBO, Elisabeth Souza. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LONGO, Ivan. Professor branco diz que obra de Carolina Maria de Jesus não é literatura e provoca embate no RJ. *Revista Fórum*, 2017. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/professor-branco-diz-que-obra-de-carolina-maria-de-jesus-nao-e-literatura-e-provoca-embate-no-rj/>>. Acesso em 06 de nov. de 2021.
- LOYOLA, Ignacio de. Estou cansada de tudo. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 20 de mar. de 1961

- MARTINS, Wilson. Mistificação literária: 'Quarto de despejo', 'best-seller' de 1960, deve ser atribuído a Audálio Dantas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 de out. de 1993.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Sacramento (MG): Bertolucci, 2015.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- MOTA, Mauro. *Modas e modos*. Recife: Editora Raiz, 1977.
- O CANTO da Carolina. *Mundo Ilustrado*, Rio de Janeiro, nº 192, p. 51, 1961.
- ORR, John. *Tragic realism and modern Society*. New York: The Macmillan Press Ltd, 1977.
- PENTEADO, Regina. Carolina: vítima ou louca? *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 31, 10 de dez. de 1976.
- PEREIRA, Almicar Araujo; LIMA, Thaynara C. Silva de. Performance e Estética nas Lutas do Movimento Negro Brasileiro para Reeducar a Sociedade. *Rev. Bras. Estud. Presença*. Porto Alegre, v. 9, n. 4, e91021, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbep/a/KVxs4GMXNYmSLKsnFZxcgvF/>>. Acesso em: 10 de junho de 2021.
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.
- QUARTO de Despejo - Live com Vera Eunice. Evoe cia de teatro. São Paulo: 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/J5190YwHHFc>>. Acesso em: 20 de set. de 2021.
- ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel:Fapesp, 1997.
- SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960 – 2000)*. Tese (Doutorado) - Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- SILVA, Vanessa Maria Poteriko da. *A trajetória na construção da identidade da personagem-narradora-autora Carolina Maria de Jesus em seus diários*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Curitiba, 2019.
- TOLEDO, Jethro Vaz de. Cartas à redação: Contra 'Quarto de despejo'. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 de set. de 1960.
- VIDA por escrito: Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus. Página Inicial. Disponível em: <<https://www.vidaporescrito.com/>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2022.